

de Sadi Dal Rosso,
Mais trabalho!
A intensificação do labor
na sociedade contemporânea

(São Paulo: Boitempo Editorial, 2008).

Josias Alves da Costa

A onda contemporânea de intensificação da jornada de trabalho pelo qual o mundo passa é o objeto de estudo do livro *Mais trabalho!* de Sadi Dal Rosso. Caminhando pela intensidade do trabalho, passando pela construção histórica da noção de intensidade, desenvolvida como um processo gradual de difusão da intensidade do trabalho, a intensificação do trabalho e os trabalhadores até a diversidade da intensificação da jornada de trabalho, concluída com a teoria da intensidade do trabalho formam o conjunto de abordagens desenvolvidas nas páginas do livro.

Neste texto, Dal Rosso faz uma viagem no tempo buscando o fio da meada do aumento da intensidade da jornada de trabalho. Apresenta o contexto atual de intensidade, onde descobre o conceito que o mercado de trabalho imprime a seus trabalhadores: “Trabalhos, não mais empregos”, disse o chefe de uma grande rede de supermercado de abrangência nacional em entrevista concedida. Esse é o ponto de partida do autor, voltando a meados dos séculos XVIII e XIX, com a Revolução Industrial, passando pelos principais modelos de administração – taylorismo, fordismo e toyotismo – no final do século XIX, começo do século XX, numa busca incansável por rastrear o início da intensificação do trabalho e suas principais causas.

O autor afirma que estamos passando por uma mudança de conceito no que diz respeito a emprego e trabalho. Emprego:

refere-se à relação empregatícia, com salário fixado no início do contrato de trabalho, com direitos de jornada semanal, regulada segundo a lei [...], com descansos semanais, com prescrições das atividades a desenvolver [...], com contribuições para seguridade social recolhidas mensalmente, o que permitia ao trabalhador a aposentadoria [...], ao seguro desemprego e aos serviços de saúde. (Dal Rosso, 2008: 13).

O trabalho reveste assim um conceito diferente, mais forte, e é definido como:

No mundo dos “trabalhos”, a remuneração dependeria diretamente das tarefas concretas exercidas, não de um salário contratado, mas de um trabalho realizado (idem: 14).

Essas novas definições, tanto de trabalho como de emprego, colocam em xeque as relações empregador-empregado e dão uma nova dimensão ao contexto do trabalho.

Esse novo conceito de trabalho e emprego deve necessariamente passar pela polivalência do trabalho e do trabalhador que substitui os cargos com suas funções específicas e faz o trabalhador se desdobrar em várias funções sucessivas, o que tornaria impossível o descanso. Em outros termos, relata Dal Rosso, é a forma encontrada para que o trabalho ganhe em intensidade.

O autor propõe uma clara distinção entre produtividade e intensidade. O trabalho tem, conceitualmente, sua dimensão mais exata na produtividade, portanto, não cabe pensar em produtividade e intensidade entrelaçadas uma na outra sem conceituar cada uma. São duas as dimensões que fazem as separações entre produtividade e intensidade: os avanços efetuados nos meios materiais, que, nesse caso, pode ser considerado como aumento de produtividade; e a mudança organizacional de atividades que consomem energia, aqui é definida como processo de intensificação. Dal Rosso clareia a ideia da seguinte maneira: “conceitualmente as duas ideias são distintas e como tal devem ficar separadas” e “as duas situações demonstram a necessidade de distinguir produtividade de intensidade do trabalho” (ibidem: 26).

Intensidade não significa mais produtividade, assim, faz-se necessário considerar ambos os conceitos para, só então, definir quais tipos de organização ou mudanças devem ser feitas no ambiente produtivo.

Dal Rosso, chama ainda a atenção para o que define como erro histórico: os estudos sobre jornada de trabalho e intensidade são realizados tão-somente a partir da materialidade dos fatos, ou seja, do trabalho material observado na indústria automobilística, que serve de referencial. O autor alerta para o que considera ser mais um dos causadores do aumento da intensidade: o trabalho imaterial, como o lazer, a cultura, entre outros tipos de tarefas que exigem cada vez mais resultados de quem as exercem como atividade prin-

cipal. A pergunta é: “O que é intensidade para um pesquisador, se não for considerado o aspecto imaterial do seu trabalho, o apelo à inteligência?” (ibidem: 33). A pergunta resume logicamente sua proposição e coloca em discussão as contradições entre intensidade e produtividade, materialidade e imaterialidade.

Dal Rosso faz um passeio pela história. Seu objetivo é resgatar a noção de intensidade do trabalho através dos tempos. A práxis de intensificação se dá de várias maneiras e a atual é apenas mais uma entre as muitas repertoriadas. O autor convida então o leitor a acompanhá-lo por dois diferentes percursos: o que envolve as transformações tecnológicas, classificada aqui como revolução da informática e comparada à revolução industrial; e o percurso da reorganização do trabalho. Diz:

O grau da intensidade varia combinada ou isoladamente em funções de alterações das condições técnicas e de mudança em sua própria organização (ibidem: 46).

É na Revolução Industrial que Dal Rosso começa a trilhar o caminho da intensidade. Marx será seu referencial, especialmente o Marx do primeiro volume de *O capital* (1864), quando assiste às transformações da Revolução Industrial em seu contexto social. Os capitalistas são responsáveis de imediato pela intensificação do trabalho, seu interesse em aumentar a produção leva ao aumento do número de horas de trabalho ao máximo possível e são eles mesmos, com a participação dos operários, que, mais tarde, observam o mal ocorrido com a intensificação das horas de trabalho e passam então a investir em tecnologia e a exigir que os trabalhadores se adaptem ao novo ritmo que já nasce acelerado, intensificado.

A análise de Dal Rosso parte do conceito que Marx deu ao tempo do não trabalho, a porosidade após analisar a luta dos operários por um descanso mais justo, o tempo que o trabalhador passa parado e como o trabalho é cansativo e desgastante. O trabalhador procura, então, aumentar esse tempo de não trabalho, evitando, assim o desgaste excessivo. E como o conceito dos empregadores é de uma produção sempre maior, o interesse dos capitalistas é diminuir o tempo de “porosidade”, aumentando, assim, a produção e estabelecendo uma luta sem fim, entre intensidade e descanso.

O grito pela redução das horas de trabalho surge diante do quadro de desgaste que cada trabalhador enfrentava dia a dia, a única alternativa era a redução

da jornada de trabalho que caminhava em torno das 12 horas diárias. A partir daí se desencadeia uma luta frenética entre as classes de empregados e empregadores com o objetivo de diminuir o cansaço com a redução da jornada de trabalho, tornado a máquina a vilã da história da intensidade. Ela, nas mãos dos capitalistas, vai ser a ferramenta base da intensificação.

Com o amadurecimento da Revolução Industrial fecha-se o primeiro ciclo de intensificação da história do capitalismo, que se caracteriza pela passagem do alongamento da jornada para a intensificação via transformação tecnológica das empresas. Em termos de ideologia política, esse período corresponde à prevalência do capitalismo liberal (ibidem: 2008).

O rastro perseguido pelo autor muda de cenário quando chega à administração científica do trabalho. Aqui ele expõe de maneira intensa o processo de intensidade dos quais os trabalhadores foram submetidos com a reorganização do trabalho nos modelos fordista e taylorista. Ao descrever o ponto central das ideias de Taylor, “o ‘subtrabalho’ é o maior mal de que o povo trabalhador está afetado”. Foi assim que o movimento da reorganização imprimiu nos trabalhadores um grau de intensidade sempre crescente. Para Taylor, o que os operários faziam era um subtrabalho e o trabalhador só alcançaria prosperidade quando atingisse seu maior resultado diário com o uso eficiente da máquina.

O toyotismo somente critica e aperfeiçoa o modelo existente, tornando a vida dos trabalhadores mais intensa. Seu método de organização e controle dos desperdícios fez dos japoneses os campeões de produção e de “redução do trabalho sem valor”. Em 1950, tentando superar o sistema fordista, a Toyota passa à produção de tempo certo, isso em face da análise de que em tempo de glória econômica tudo que se produz se vende, porém em tempos de crise financeira a produção se perde. Assim, a produção de tempo certo gera somente o necessário para o momento, nesse caso, além de diminuir os postos de trabalho, a intensidade dos que permanecem trabalhando aumenta.

O tempo livre, o tempo de não trabalho, passa a ser engolido pelo trabalho. A tecnologia que poupa trabalho está falhando em liberar aqueles que trabalham (ibidem: 71).

A tecnologia, nesse aspecto, tem sido o braço direito da intensidade. Desenvolvida com o intuito de melhorar a produção e de facilitar a vida do

trabalhador, tem sido usada para diminuir o tempo de não trabalho. Com esse sentimento, o autor partiu para pesquisas no intuito de mostrar a nova forma de intensificação, contribuindo, dessa forma, com as pesquisas no campo conceitual, metodológico e empírico.

A mudança tecnológica viesada pelo esforço, a intensificação a partir dos efeitos sobre o trabalhador, a intensificação e tempo de trabalho, a não negociação da carga de trabalho e eventos recentes permitem delinear uma visão panorâmica dos estudos contemporâneos sobre intensidade. E juntamente com seus principais autores formam o conceito que Dal Rosso imprime a respeito dos estudos recentes sobre o aumento da intensidade e constitui sua principal motivação para o desenvolvimento da pesquisa feita nos principais ramos de atividades, como segue: bancos e financiadoras, telefonia e comunicação, supermercados, ensinos privados, construção civil e serviço público.

Dal Rosso oferece ainda uma síntese dos resultados obtidos em campo. Conceitualmente, seu livro passeia pelos principais caminhos da intensificação do trabalho. Na pesquisa de campo, é constatado, de forma bem clara, o aumento da intensidade. Seu desafio então é o que fazer a partir destas constatações? Quais caminhos os trabalhadores podem percorrer para melhorar seu ambiente de trabalho e torná-lo menos denso? O que fazer com sua saúde, tendo em vista o aumento das doenças relacionadas ao estresse? E conclui:

A desagregação das respostas por ramo de atividade permite uma visão mais particularizada e, portanto, com elementos distintos da análise da amostra como um todo. Talvez o principal traço encontrado pela observação setorial seja a diversidade da aplicação dos meios de produzir mais trabalho nos diversos setores (ibidem: 193).